

# PERSPECTIVAS

VOL. II

Filosofia,  
Psicanálise e  
Antropologia

Amaury Meller Filho  
Daniela Valentini  
Junior Cunha  
(Organizadores)





# PERSPECTIVAS



Amaury Meller Filho  
Daniela Valentini  
Junior Cunha  
(Organizadores)

# PERSPECTIVAS

Filosofia, Psicanálise e Antropologia

Vol. II

*Primeira Edição E-book*



TOLEDO-PR  
2020

**Copyright 2020 by** Organizadores  
**Gerente Editorial** Ana Karine Braggio  
**Revisão** Amanda C. Schallenger Schaurich  
Mônica Chiodi  
**Editores Assistentes** José Luiz G. Mariani  
Medéia Lais Reis  
Valdenir Prandi  
**Corpo Científico** Dr. José Aparecido Pereira - PUCPR  
Dr. Lorivaldo do Nascimento - UFFS  
Dr.<sup>a</sup> Lurdes de Vargas Silveira Schio - UNIOESTE  
Dr. Tiago Soares dos Santos - IFPR  
**Capa e Diagramação** Junior Cunha

**Instituto Quero Saber**

CNPJ: 35.670.640./0001-93

[www.institutoquerosaber.org](http://www.institutoquerosaber.org)

[editora@institutoquerosaber.org](mailto:editora@institutoquerosaber.org)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P466      PERSPECTIVAS: filosofia, psicanálise e antropologia - vol. II. / organizadores, Amaury Meller Filho, Daniela Valentini, Junior Cunha. 1. ed. e-book - Toledo, Pr: Instituto Quero Saber, 2020.  
118 p.

Modo de Acesso: World Wide Web:  
<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>  
ISBN: 978-65-87843-13-1

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Antropologia.  
I. Título.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astolphi - Bibliotecária CRB/9-1610

*Todos os direitos reservados aos Organizadores*

*O conteúdo dos textos aqui publicados é de exclusiva responsabilidade dos seus respectivos autores*

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>I “EMPODERAMENTO DIGITAL”? SUAS IMPLICAÇÕES NO <i>ETHOS</i> E NA ATIVIDADE POLÍTICA ATUAL</b>	
<i>Rodrigo Lopes Figueiredo</i>	
<i>Marta Rios Alves Nunes da Costa</i> .....	11
<b>II ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS À <i>METAFÍSICA</i> DE ARISTÓTELES</b>	
<i>Igor de Matos Ramos</i> .....	45
<b>III EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL</b>	
<i>Fernando Alves Grumicker</i> .....	61
<b>IV COMENTÁRIOS SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTREANO E A PEÇA <i>ENTRE QUATRO PAREDES</i></b>	
<i>Cristiele Rhoden</i>	
<i>Junior Cunha</i> .....	81
<b>V REAÇÕES PESSOAIS FRENTE ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CIDADE: (SOBRE)VIVER NA PANDEMIA</b>	
<i>Marina Garcia Lara</i>	
<i>Aloir Pacini</i> .....	93

### III

## EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

*Fernando Alves Grumicker\**

**Resumo:** O presente escrito refere-se a uma conceitualização da epistemologia genética e da teoria psicanalítica, buscando refletir questões filosóficas acerca do desenvolvimento humano, tanto no sentido orgânico como no sentido mental. De um lado, ambas as abordagens pressupõem como finalidade a ultrapassagem dos desequilíbrios e das necessidades, para então alcançarem o equilíbrio interno das faculdades mentais (ou psíquicas) do sujeito, por outro lado, as teorias tratam da moralidade e seus estágios conforme o desenvolvimento do sujeito. O objetivo deste artigo se direciona para uma assimilação entre ambas as abordagens do desenvolvimento humano, assim como também para uma abordagem construtiva dos conceitos em geral que estão sendo empregados. A metodologia usada será a heurística para o cumprimento dos objetivos que este escrito se propõe.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Organismo. Psicanálise. Teoria. Desenvolvimento.

**Abstract:** The present writing refers to a conceptualization on genetic epistemology and the psychoanalytic theory, searching to reflect on philosophical questions about the human development, in the organic sense, as well as in the mental sense. On one hand, both approaches assume

---

\*Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

E-mail: [grumickerfernando@gmail.com](mailto:grumickerfernando@gmail.com).

as their end goal to surpass the imbalances and necessities, to then, reach internal balance on the mental (or psychological) subject's faculties, on the other hand, both theories treat on morality and its stages according to the subject development. The objective of this article aims to an assimilation between both approaches on human development, as well as an constructivist approach on the appointed general concepts. The used methodology is heuristic, to meet the requirements of the writing.

**Keywords:** Epistemology. Organism. Psychoanalysis. Theory. Development.

### 3.1 INTRODUÇÃO

Procuremos descrever o posicionamento de Jean Piaget (1896-1980), que foi um psicólogo, epistemólogo, biólogo e construtivista suíço, com base na sua teoria de epistemologia genética e o seu enfoque no desenvolvimento será descrita a partir de estágios, estes por sua vez constituem uma forma de organização do estado mental, assim, a teoria de Piaget do desenvolvimento se baseia e tem fundamento no jogo ativo e dinâmico da assimilação entre a equilíbrio partindo dos estágios do desenvolvimento, onde o sujeito pode ser comparado com o crescimento orgânico, deste modo, os estágios descritos por Piaget do desenvolvimento são guiados pela continua busca pela equilíbrio mental, assim como do modo orgânico em geral ocorre a equilíbrio nos estágios finais do desenvolvimento.

O estágio da moralidade apenas surge pelo processo do desenvolvimento que, em certa medida, está direcionada para a equilíbrio, estas passagens são primeiramente pela autonomia, a heteronomia e, por fim, a autonomia, esta última estão em relação as representações do sujeito onde podem ultrapassar os estágios de mero consenso com as leis morais para o surgimento da consciência das leis morais instituídas e seus critérios para que, deste modo, seja possível

a sociabilidade do sujeito. Do mesmo modo, a teoria descrita por Sigmund Freud (1856-1939), que foi médico, neurologista, e fundador da psicanálise e um dos maiores expoentes da teorização da consciência humana do final do século XIX, a teoria psicanalítica de Freud diz respeito ao aparelho psíquico e reflete os estágios de desenvolvimento do homem a partir do sistema interno do sujeito, isto é, uma vez que uma criança apenas detém do Id como caracterizadora das pulsões, ainda não é possível as reflexões entorno da moralidade; o consciente ( que mais tarde será chamado de ego) reflete os estados de conteúdos manifestos dos desejos e, apenas em relação com o superego poderá assim interiorizar ações morais para a sua ação prática, pois este pode ser entendido como arquétipo regulador das pulsões do id, isto é, dos desejos e conteúdos de satisfações de prazeres.

Assim, o que será destacado coloca em questão a descrição referente à epistemologia genética de Piaget em relação direta com a segunda tópica do aparelho psíquico descrita por Freud, aponto de, em uma possível caracterização, demonstrar como o desenvolvimento ocorre nessas teorias e ainda, de modo objetivo, de como o desenvolvimento moral é possibilitado segundo essas teorias, assim como também no que concerne a ação moral.

Portanto, a partir da reflexão teórica do desenvolvimento que de modo geral, possibilita a consciência moral para as ações com outros sujeitos, procuramos estacar o modo pelo qual o desenvolvimento é decisivo e detém um peso no sentido da equilíbrio mental dos sujeitos em geral. Negativamente, o passo em que Freud elabora a sua segunda tópica do aparelho psíquico ressalta a diferença de uma estruturação diversa do aparelho psíquico quando comparado a outros sistemas orgânicos, neste cenário, o ponto de partida será a estrutura do aparelho psíquico como determinante das

ações morais dos sujeitos em geral a partir do desenvolvimento que conduz ao equilíbrio.

### **3.2 O APARELHO PSÍQUICO E O DESENVOLVIMENTO NA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA**

Na elaboração teórica do aparelho psíquico Freud detêm de duas tópicas que refletem a estruturação mental dos sujeitos, daremos ênfase à segunda delas já que os termos da primeira serviram de síntese para a configuração da segunda, isto é, como casos onde se encontra uma aparente limitação da primeira tópica de 1900 para a o modo de funcionamento do aparelho psíquico. Na primeira tópica Freud destaca que a psicanálise se dirige para o estudo do inconsciente e neste se encontram os desejos, os impulsos, e os “instintos”, deste modo, serão estes anseios que devem ser analisadas já que estes impulsos e desejos são reprimidos, seja pela sociedade ou pelo próprio sujeito.

Assim, Freud como método emprega a interpretação dos sonhos para averiguar estes impulsos reprimidos que são entendidas como manifestações do inconsciente, do mesmo modo como entende por “ato falho” as manifestações da linguagem verbal do sujeito através das associações livres. A primeira tópica é retratada em termos de pré-consciente, consciente e inconsciente. Respectivamente, o pré-consciente pode ser entendido como um conteúdo que permanecem ocultos mas que no entanto podem ser acessados pelo sujeito, isto é, as suas repressões estão como que guardadas e que, no entanto, podem ser acessados pelo consciente, o consciente retrata a estrutura mental do sujeito pela qual os seus pensamentos e ações são totalmente percebidos, assim como suas memórias, e frustrações, já o inconsciente é propriamente o foco da psicanálise já que ai onde se

encontram as pulsões agressivas, os recalques, e sentimentos que são totalmente retidos, seja pela moralidade ou pelo próprio sujeito, assim, os conteúdos inconscientes são afogados, uma vez que são reprimidos.

As pulsões (auto conservação e pulsões sexuais), e desejos reprimidos podem levar ao adoecimento psíquico, estas ao mesmo tempo são analisadas pela psicanálise para o diagnóstico, no entanto, as repressões sociais que analogamente com a configuração do sujeito colocam os desejos e pulsões de maneira que evidentemente retira do sujeito a sua autonomia, pois estas causam ações que não são de modo algum percebidas pelo sujeito, assim, a moralidade social pode levar a repressão de desejos que permanecem ocultos ao sujeito. Freud afirma:

Aprendemos que os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo. Com isso não entendemos jamais que a pessoa tenha um simples conhecimento intelectual da existência de tais ideias, mas que as reconheça como determinantes para si, que se submeta às exigências que delas partem (FREUD, 2010, p. 27)

Dessa maneira, os desejos inconscientes (que na segunda tópica serão denominados de Id) podem gerar frustrações no sujeito e anomalias comportamentais como casos de neurose e melancolia<sup>1</sup>. No entanto, para entender o aparelho psíquico, Freud recorre à predominância desses tipos de comportamentos para a descrição da consciência moral e da análise dos conteúdos não manifestos da consciência, isto é, o inconsciente que se dá pelas repressões sociais e

---

<sup>1</sup> Com isso, Freud quebrou paradigmas, uma vez que descreve tipos de doenças dado à uma sociedade repressora (a histeria é uma dessas entre várias outras).

permanece desequilibrado, isto concernem desenvolvimento para a equibração.

Partindo da primeira tópica, que é uma divisão do aparelho psíquico, na segunda tópica (que se dá a partir de 1923), ocorre uma mudança, isto é, uma reestruturação do aparelho psíquico, do ponto de vista freudiano, seria preciso uma investigação a respeito do que engloba o consciente, que apesar disso detêm uma parte inconsciente e que precisa, necessariamente, de uma descrição mais detalhada. Assim, essa nova divisão do aparelho psíquico está descrita mais explicitamente na obra “O Ego e o id” (1923-1925), deste modo, a explanação freudiana diz respeito ao modo pelo qual o homem se configura mentalmente, nesse sentido as nomenclaturas colocadas por Freud se baseiam nos seguintes termos: Id, ego e superego. Assim, o Id estaria descrito em termos de pulsões<sup>2</sup> que por sua vez, o conteúdo do Id estaria relacionado não apenas às pulsões, como também representaria os desejos.

A partir da configuração do desenvolvimento, Freud indica que uma criança apenas possui o Id como caracterizadora dos seus desejos internos, para a saciar as causas de suas necessidades imediatas. Assim, as necessidades são a chave para descrever o comportamento mental, no sentido da configuração do aparelho psíquico, ou seja, à personalidade do indivíduo enquanto é uma criança apenas detêm do id, em primeira instância, como caracterizadora do seu estado mental propriamente dito.

Assim, a teoria da pulsão freudiana destaca que na criança a negação da alimentação resulta em carência como um fator orgânico (considerando que se trata como exemplo a necessidade e/ou desejo de alimentação, isto é, refere-se à ingestão oral), uma vez saciado o

---

<sup>2</sup> Aqui, no entanto, Freud reestruturando o aparelho psíquico coloca a pulsão de eros e a pulsão de morte como os que subjazem ao id.

desejo se inscreve na memória da criança a satisfação dada pelo objeto (seja ela o seio da mãe ou um objeto pelo qual a saciação se tornou possível. Por esse registro na memória pela saciação a criança pode criar alucinações de desejos pela alimentação já que esta é o seu objeto de desejo. Do ponto de vista fisiológico, a memória do prazer proporcionado pela alimentação não se sobressai sobre a fome, no entanto, ocorre uma substituição da necessidade orgânica pelo desejo psíquico.

De acordo à Freud, a criança se constitui por desejo seja ele sexual ou não, isto é dizer, para além dos tabus, a teoria das pulsões freudiana representa uma estrutura objetiva de um estado do desenvolvimento. Nos diz Freud:

Com a teoria dos instintos a psicanálise ofendeu o indivíduo enquanto membro da comunidade social; outra parte de sua teoria foi capaz de feri-lo no ponto mais sensível de seu próprio desenvolvimento psíquico. A psicanálise pôs termo à fábula da assexualidade da infância, provou que desde o começo da vida há interesses e atividades sexuais nas crianças pequenas (FREUD, 2010, p. 236)

É neste sentido em que a teoria do desenvolvimento psicanalítico reflete a necessidade guiada pela pulsão, mais ainda, onde a estrutura do aparelho psíquico regulada pelo desejo transposto no Id caracteriza, em uma só vez, o aparato pelo qual se torna decisivo às análises psicanalíticas a noção da necessidade psíquica para além da necessidade orgânica.

Retratando assim um dos primeiros estados do desenvolvimento da psicanálise, isto é, o Id e sua configuração do desejo transposto para a necessidade psíquica, ainda restam outros estados não menos pertinentes para o desenvolvimento.

Em um sentido ainda de crescimento fisiológico, a criança através da sua socialização é regulada, assim como os seus desejos de

acordo com a consciência que possui sobre suas ações, assim, o desenvolvimento do Superego já em um estado mais apurado do desenvolvimento psíquico, tem efetividade em como um regulador das pulsões pelos critérios de moralidade.

Na medida em que ocorre o desenvolvimento humano, da criança para a fase adulta, a moralidade é traçada, e isto ainda tem problemas na vida cotidiana, no sentido de que, as pulsões não podem ser detidas, mas são renegadas, ou seja, para o adulto já desenvolvido, ainda permanece nele as pulsões na medida em que elas são reprimidas, daí o mal-estar que se caracteriza pela negatividade dos impulsos do Id frente aos fatores sociais e morais. Daí, nas palavras de Freud (2011, p. 13) “(...) reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente” já que está contido no Id as pulsões pelas quais, no sentido externo ao indivíduo, precisa ser contido seja pelo Superego, já que possibilita a organização psíquica do sujeito, seja nas suas ações conscientes, como também pela própria sociedade no sentido geral.

### **3.3 O DESENVOLVIMENTO NA CONCEPÇÃO DO CONSTRUTIVISMO DE PIAGET**

A teoria do desenvolvimento ou a epistemologia genética de Piaget, segundo o construtivismo, pressupõe a gênese do conhecimento em relação constante entre o sujeito e os objetos da experiência, assim, o dado das suas representações são entendidas como pertencentes ao sujeito mas que também precisa da experiência para reter dados, assim, estes dados retidos precisam, por assim dizer, se adaptarem na estrutura mental do sujeito na medida em que se desenvolve. A estrutura mental dos sujeitos depende das suas representações empíricas, do mesmo modo que para a organização da

experiência e do próprio conhecimento, seja necessário a aplicabilidade da estrutura mental do sujeito.

No entanto, como se dá o desenvolvimento segundo a epistemologia genética? Em um sentido bastante determinado, Piaget pressupõe que os estágios do desenvolvimento mental se dão através de estágios, tais estágios, são formas teóricas da organização mental dos sujeitos. Tais estágios subsumem as representações empíricas e ações, do mesmo modo que relacionam a experiência.

Piaget reflete que o desenvolvimento mental pode ser comparado com o crescimento de uma planta, portanto, trata-se de uma busca pelo equilíbrio<sup>3</sup>, nota-se que uma planta se estabiliza conforme o crescimento, do mesmo modo é o homem, ou seja, seu desenvolvimento mental é progressivo no sentido de que na medida em que uma criança cresce sua estrutura mental tende ao equilíbrio na fase adulta.

Piaget demonstra que há uma continuidade entre os processos orgânicos no sentido biológico e os processos cognitivos (mentais), daí a importância de descrever um processo pelo qual seja garantida a passagem de certos estágios de desenvolvimento a outros, dado que o desenvolvimento pressupõe uma mudança tanto fisiológica quanto mental.

Deste modo, as funções desempenhadas por uma criança são diferentes das do adulto, as suas capacidades são, tanto do ponto de vista fisiológico quanto do ponto de vista mental, diferentes, uma vez que além de desempenharem funções diferente detêm modos de proceder em relação com o que é externo como também seus processos de aprendizado, capacidade cognitivas se demonstram, na

---

<sup>3</sup> Esta comparação metafórica tem relação com a ideia de que o desenvolvimento tende ao equilíbrio, já que as ocorre o desequilíbrio dado à necessidade, seja ela de manipulação de objetos, seja de querer “mudar o mundo” na adolescência.

própria ação distintas. Assim, desde a infância até a adolescência os processos podem ser vistos como distintos e é preciso que sejam, ao mesmo tempo descritas em formas progressivas.

De maneira estruturalista, o desenvolvimento conduz ao equilíbrio, Piaget pressupõe três modelos estruturais para o desenvolvimento, partindo da concepção de estrutura mental do sujeito e da psicogênese, isto coincide com uma ideia de progressão positiva da para o desenvolvimento.

A assimilação, de onde ocorrem os processos de retirada dos dados do ambiente, enquanto um organismo, o ser humano necessariamente faz uso de seus sentidos. Assim, os dados retidos da experiência incorporam com a estrutura já existente no sujeito<sup>4</sup> em relação dinâmica com a estrutura e com as informações.

Acomodação, onde o sujeito, para reter novas informações inéditas modifica o seu organismo para reter novas informações sobre o ambiente. Assim, a estrutura do sujeito influencia diretamente as informações retidas demonstrando ser sugestivas que não se trata de uma recepção passiva.

Adaptação, o homem age sobre o mundo e o mundo sobre o homem, assim, evidentemente a assimilação e a acomodação, apesar se distintas, não podem ser separadas para a configuração dos processos mentais e intelectuais, desta maneira, se entende por

---

<sup>4</sup> A assimilação pode ser entendida como: generalizadora, enquanto as estruturas do sujeito se modificam para reter novas informações a respeito dos objetos em geral da experiência onde essas informações se incorporam na estrutura do sujeito. Também como reconhecedora, enquanto a criança pode identificar objetos já experienciados, ou seja, onde acaba retendo as informações do objeto e consegue a diferenciar de outros. E, por fim, a assimilação recíproca, onde é possível as identificações de sucessão, isto é, organização de objetos desorganizados em uma totalidade.

acomodação a maneira pela qual há reciprocidade entre sujeito e objeto.

Deste modo, Piaget sugere quatro estádios do desenvolvimento, já que esta parte da relação da ação da criança enquanto um organismo sobre o seu meio. Assim, a evolução é cognitiva e biológica. Os estágios, nas palavras de Piaget:

Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. [...] Mas a cada estágio correspondem também características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa (PIAGET, 1999, p. 15)

Desta maneira, o desenvolvimento pode ser visto como uma um dado que, conforme ocorrem as aparições de capacidades nos indivíduos, vemos que, com isso se afirma o potencial de humanos em geral, as crianças, se desenvolverem de uma maneira objetiva, assim, as capacidades mentais e biológicas que constituem, segundo o autor, o jogo entre a assimilação e a acomodação. Constitui assim a evolução objetiva dos indivíduos. Tais estágios descritos por Piaget, são lineares e ocorrem conforme surgem a necessidade na criança, assim, a evolução ou o desenvolvimento (na criança) pode ser entendido de acordo com o desequilíbrio, já que a necessidade pressupõe que algo falte, que seja o caso de carência ou esteja indisponível etc. Assim, os estágios são, sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal, respectivamente.

O estágio sensório-motor (0 a 2 anos) se caracteriza pelos contatos pelos quais a crianças mantêm com os objetos de sua experiência, assim, a criança opera os objetos e mantêm relações com eles. Incorpora ao mesmo tempo os objetos de sua experiência

conforme as suas características. Este estágio detêm uma forma prática na aquisição de conhecimento pela criança, uma vez que sua configuração mental ainda não possibilita outras maneiras de conhecer senão o uso dos sentidos.

Assim, a criança opera ações sobre os objetos e mantém relações recíprocas, segundo Piaget (1983, p. 8) “coordenar ações quer dizer deslocar objetos, e, na medida em que esses deslocamentos são submetidos a coordenações que elabora progressivamente a partir deste fato permite [...] atribuir aos objetos posições sucessivas, também estas determinadas”, isto é dizer que a criança assimila certos objetos e recebe informações sobre os mesmos, assim como, poderá a partir destas experiências identificar objetos e manipulá-los segundo ordens espaciais. Ainda aqui, a anomia aparece como uma incapacidade pela qual o sujeito não pode compreender as regras morais de suas ações, já que é isenta de qualquer tipo de pensamento no sentido ético, a criança entende as regras como absolutas e imutáveis, assim a criança não julga os próprios atos, assumindo assim uma mera relação entre o erro e a punição como consequência<sup>5</sup>.

O estágio pré-operatório (2 ao 7 e 8 anos), o segundo estágio do desenvolvimento é caracterizado por um começo de uma inteligência simbólica, desenvolverá assim associações entre os objetos de sua experiência e a sua pré-linguagem segundo categorias. Tal estágio, ainda que leve em consideração as primeiras impressões da linguagem<sup>6</sup> e das imagens permanece ligada ainda aqui a questões práticas, isto é, aos objetos da experiência afim de categorizá-los, assim, os esquemas do estágio operatório-motor, não podem ser vistos como

---

<sup>5</sup> Tomando como exemplo a necessidade biológica da amamentação, a criança não reflete as consequências de suas ações (ao ferir a mãe mordendo-a no seu gesto de sucção).

<sup>6</sup> Dos 2 anos onde a criança série de associações pré-conceituais e de armazenamentos.

conceitos, no entanto, aqui a criança desenvolve as noções de permanência dos objetos de sua experiência.

No entanto, “toda vida mental e orgânica tende a assimilar progressivamente o meio ambiente, realizando esta incorporação graças às estruturas ou órgãos psíquicos” (PIAGET, 1999, p 17), assim, a criança desenvolverá uma série de assimilações capazes estruturar as suas representações de acordo com a sua estrutura mental, evidenciando um desenvolvimento que não era possível anteriormente uma vez que suas impressões se encontravam ainda desorganizadas, porém, neste estágio se iniciam as funções semióticas, onde ocorrem as primeiras socializações através da linguagem, assim como de imitações (pelas quais são possíveis as representações na criação desenhos), assim como também as imagens mentais trazidas pela memória.

Neste estágio, a criança é subordinada a regras morais e permanece na heteronomia, enquanto segue ações e leis restritivas sem a compreensão total destas restrições, as ações da criança ainda é, pois, subordinada a certas regras fixas de convivência não-refletidas.

Operatório-concreto (7 a 8 aos 11 e 12 anos), uma vez que a organização da experiência conforme as categorias na criança já são possíveis, a criança desenvolve as capacidades de comunicação pela linguagem, do mesmo modo como pode realizar ações em conjunto (socialização), como também de operações matemáticas que seguem os conceito de unidades, no entanto, recorre ao concreto (externo à criança), para a aplicação dos enunciados pré-conceituais práticos. Assim, neste estágio do desenvolvimento é possível a realização de reversibilidade entre relações entre A e B, isto é, a possibilidade de casos de reversão de um acontecimento A para B e de B para A, destarte a intuição articulada no sentido prático e da mobilidade, uma vez que a estrutura mental e biológica reflete a busca pelo equilíbrio e da plenitude.

Apenas no sentido de que o sujeito em relação com o seu meio pode conduzir à equilíbrio, destaca-se que a linguagem e as operações simples do intelecto (como de soma e subtração) podem ser interiorizadas no sujeito apenas na medida em que se poderá dirigir o conhecimento no que é concreto, Piaget destaca que “assiste-se durante a primeira infância a uma transformação que, de apenas senso-motora ou prática que é no início, se prolonga doravante como pensamento propriamente dito a dupla influência da linguagem e da socialização” (PIAGET, 1999, p. 27), portanto, a socialização, a possibilidade do pensamento emergem, do mesmo modo em que a linguagem e as operações matemáticas como direcionadas para a sensibilidade. As ações morais neste cenário são entendidas pela criança conscientemente, assim, ela exerce uma autonomia em suas ações segundo a reflexão moral, afirma Fini (1991, p. 60) “[...] o propósito e consequências das regras são consideradas pela criança e a obrigação baseada na reciprocidade. A criança se caracteriza pela moral da igualdade ou de reciprocidade”, uma vez que a criança se constitui como um indivíduo que faz jus à moralidade segundo a reciprocidade, evidencia-se um desenvolvimento da estrutura mental do indivíduo.

Estágio Operatório Formal (12 anos, ou adolescência), a criança adentrando na fase adulta pode conceber tanto a moralidade, como foi destacado, como também a linguagem, o raciocínio hipotético dedutivo estará aqui consolidado, do mesmo modo como a construção dialógica, a comunicação e a própria cooperação social e/ou familiar. O estado mental do adolescente que por sua vez se faz dotado das faculdades necessárias para o desenvolvimento, tanto biológico quanto psicológico, possibilita-o à compreensão dos dados da experiência, ao mesmo tempo, as reflexões formais e conceituais da lógica matemática.

Nesse sentido, o indivíduo já poderá refletir as mais diversas aplicações dos esquematismos lógicos e formais à experiência, no entanto, poderá deixar de conduzir as expressões do seu conhecimento para a experiência, isto é, por conceitos e pela forma lógica o pensamento e a reflexão são possíveis. Assim, ocorre uma relação dinâmica entre o objeto e o sujeito, já que este pode abstrair a realidade e pensá-la de maneira formal. Nos diz Piaget:

[...] é este poder de formar operações sobre operações que permite ao conhecimento ultrapassar o real e o que lhe abre a via indefinida dos possíveis meios da combinatória, libertando-se então das elaborações por aproximação às quais permanecem submetidas as operações concretas [...] Em geral, este último nível apresenta um aspecto marcante em continuidade, aliás com o que nos ensina toda a psicogênese dos conhecimentos a partir das indiferenciações iniciais: é na medida em que se interiorizam as operações lógico-matemáticas do sujeito (MUNARI, 2010, p. 139)

De um lado, o estado mental constituindo-se da abstração e raciocínio formal, o sujeito poderá se abster de relacionar o conteúdo do pensamento, as operações formais, lógicas e dialéticas para a prática, isto é, que o desenvolvimento possibilite aqui uma separação definitiva entre a reflexão teórica e a aquisição de conhecimento a partir da experiência é inegável, contudo, as operações do intelecto uma vez que já desenvolvidas conduzem àquela ideia do equilíbrio da estrutura psicológica. Por outro lado, o desequilíbrio aparente dos outros estágios do desenvolvimento que não possibilitavam as operações lógicas no intelecto, tampouco uma autonomia da vontade de modo equilibrado, serão aqui estabilizadas com a passagem da inteligência prática para o pensamento lógico formal.

Neste cenário, não poderíamos dizer de modo algum que o desenvolvimento psíquico, desde a criança à fase adolescente se esgote, pelo contrário, a necessidade e o interesse não cessará na

medida em que ocorra o desenvolvimento da criança à fase adulta, porém, que as necessidades e os interesses serão diversos daquelas manipulações de objetos e de saciação de desejos fisiológicos da criança, assim, os desequilíbrios mentais não cessam com a fase adulta, porque a mudança dirigida para a sociedade pode ser vista como um tipo de necessidade na adolescência o que ainda acarreta certos desequilíbrios que, pela necessidade, requerem a realização.

### **3.4 O DESENVOLVIMENTO: UMA ANALOGIA ENTRE A TEORIA PSICANALÍTICA E A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA**

Podemos afirmar, com Freud, que o aparelho psíquico meramente pulsante, desejante, instintivo do Id reflita as carências e necessidades, que por sua vez podem ser entendidas como conflitivas com a moralidade, mas apenas na medida em que o Superego não esteja totalmente formado para regular a maneira instintiva que a criança age, e, no entanto, inversamente caracteriza o inconsciente. A personalidade formada como já regulada pelo Superego e a aparente manifestação de um ego (consciente) no seio de um possível equilíbrio entre as pulsões, coloca a moralidade como um fator de desenvolvimento no aparelho psíquico da teoria psicanalítica. Assim, a criança age segundo os prazeres porque ainda, na configuração do seu aparelho psíquico, o regulador moral, isto é, o Superego, não está totalmente desenvolvido, ainda que o conflito possa ser entre o desejo do Id e o Superego para as relações conflitivas das tentativas de organização das pulsões. Assim, o desenvolvimento de um “organizador” moral no aparelho psíquico pode ser entendido como um critério de maturidade.

O desenvolvimento da psique, deste nosso ponto de partida, relaciona-se com as pulsões que aparecem como necessidades

inerentes no inconsciente, contudo, o conflito com a moralidade imposta pelos padrões sociais vigentes que geram as repressões instintivas, retratam o desequilíbrio, e este último necessita do desenvolvimento no aparelho psíquico para ultrapassar as repressões dos desejos inconscientes em busca da satisfação, para que dessa maneira, seja possível a ação moral.

No sentido da tese científica de Piaget, ou seja, da epistemologia genética, é possível perceber que os estágios de desenvolvimento do conhecimento, das estruturas do intelecto da criança que, mais tarde, serão entendidas como uma necessidade, fosse ela biológica ou uma necessidade da estrutura mental do sujeito, definitivamente condiz o aprendizado ao mesmo tempo em que sugere que a necessidade mental surge de um desequilíbrio mental.

O que Piaget descreve com a epistemologia genética, com o conhecimento e com as questões práticas, onde o desdobramento intelectual cada vez mais aguçado nos estágios do desenvolvimento lineares são evolutivos, no sentido de que a criança tem um interesse, o desequilíbrio através do desenvolvimento possibilita um equilíbrio para além da saciação imediata das necessidades, assim, a estrutura mental do sujeito pode ser vista como uma ontogênese psicológica de organismos humanos vivos, por esta ótica, a necessidade que surge do desequilíbrio na criança exige o desenvolvimento intelectual para a satisfação dessa necessidade, no entanto, apenas pelo modo em que o desenvolvimento é completado, que essas necessidades podem ser substituídas por outras.

Ainda aqui, ao mesmo tempo em que Piaget retrata o desenvolvimento mental da criança até a adolescência, a moralidade também segue na estrutura do desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento moral está intimamente ligado com o desenvolvimento da estrutura mental do sujeito.

Tanto a teoria psicanalítica quanto a epistemologia genética sugerem que o desenvolvimento da estrutura mental/psíquica, possibilita a moralidade. Portanto, se para Freud os desejos incumbidos, a repressão, e a necessidade nasciam de um fator determinante do Id (na medida em que as pulsões permaneciam inconscientes), demonstra que as pulsões do Id seja uma falta do desenvolvimento da moral da estrutura psíquica/mental. Do mesmo modo, dado que para Piaget a estrutura mental/psíquica do sujeito em desenvolvimento possibilitaria, além do desenvolvimento intelectual, também o desenvolvimento moral (da saída da anomia e da heteronomia para a autonomia da vontade), dá a entender que, tanto os estados de amoralidade e de pré-moralidade<sup>7</sup> inferiores em Piaget, exigem o desenvolvimento mental/psíquico.

Permanecem, tanto nas obras apresentadas de Freud quanto nas de Piaget, a noção de que o desenvolvimento esta (quase como uma teleologia) imbrincada no equilíbrio do sujeito frente às suas estruturas mentais/psíquicas. A possibilidade desse desenvolvimento de um lado se deu pelas condições biológicas e materiais do sujeito para ascender em suas faculdades estruturantes, por outro lado, se ressalta a importância do desenvolvimento interno do sujeito e do rompimento com as repressões. Assim, implicitamente as ideias conduzem para a concepção pela qual, de modo geral, do desequilíbrio surge a necessidade da organização que deve conduzir, eficientemente, para o equilíbrio. Portanto, a epistemologia genética dá o enfoque ao desenvolvimento do sujeito (da criança) de modo sucessivo e linear, onde, o desenvolvimento, tanto do conhecimento

---

<sup>7</sup> Chamo de pré-moralidade o estágio de desenvolvimento pelo qual tanto a epistemologia genética quanto a teoria psicanalítica freudiana refletem a possibilidade da moralidade, pois esta última, engajada no desenvolvimento, tanto biológico quanto mental, pressupõe uma abordagem pela qual um indivíduo poderá tornar-se moral.

quanto da estrutura mental/ psíquica não detêm de uma parada específica. Enquanto para a psicanálise as relações do desenvolvimento estão fadadas na análise do inconsciente. Deste ponto de vista, tanto os adultos detêm de uma estrutura mental/psíquica que não cessa, mas que deve estar sujeita ainda a algum tipo de desenvolvimento que vise um equilíbrio psicológico, que transcenda as pulsões vulgares os desequilíbrios e que institua, assim, critérios para a ação moral. Por conseguinte, para uma série de estados do desenvolvimento do organismo deve visar a organização das estruturas dos sujeitos de modo geral.

## REFERÊNCIAS

FINI, Lucila Diehl Tolaine. Desenvolvimento: De Piaget a Kohlberg. Santa Catarina: *Perspectiva*, v. 9, n. 16, p. 58-78, Jan/Dez, 1991.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). V12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MUNARI, Alberto. *Jean Piaget*. Recife: Editora Massangana, 2010.

MUNARI, Alberto. *O Eu e o Id "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 24.ed. Rio de Janeiro: Fênix Universitária, 1999.

PIAGET, Jean. *Epistemologia genética/ Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética*. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

# PERSPECTIVAS

A coleção *Perspectivas* projeta-se sobre o horizonte como um farol a guiar aqueles que se propuserem e ousarem navegar os vastos oceanos do conhecimento. Os textos que integram este segundo volume representam com profundidade questões argutas e proeminentes da humanidade. Questões que causam incomodo e levam a reflexão. Em suma, questões que suscitam novas perspectivas sobre a vida e o mundo que nos cerca. Uma questão arguta e promitente é aquela que perpassa o senso comum e astuciosamente nos provoca. Nos desestabiliza. Nos leva a (re)considerar as bases que dão sustentação ao que conhecemos. Descartes, na filosofia; Newton, na ciência; Kafka, na literatura – entre outros – são exemplos de pensadores que se sentiram incomodados.

